

**O FILÓSOFO EM TEMPOS SOMBRIOS:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**

[THE PHILOSOPHER IN DARK TIMES:
Participation and concrete approximations to ontological Sense]

Ezir George Silva
ezo.silva@hotmail.com

Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco UFRPE, onde ensina e lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação. Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Graduado em Pedagogia e Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (FAFICA). Desde 2019 integra o quadro de professores permanentes do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Educação - CE. Seus estudos e pesquisas atuais situam-se no âmbito da Filosofia da Educação, com destaque para as questões relacionadas com a Epistemologia da Educação e para as temáticas concernentes à Educação Comunicativa, Educação e Espiritualidade, Política e Gestão da Educação Brasileira, o Pensamento Filosófico e sua expressão na cultura brasileira. É autor de Fenomenologia do Ser e do Ter na Visão Filosófico-pedagógica de Gabriel Marcel (São Paulo: Loyola, 2019).

DOI: [10.25244/tf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/tf.v13i3.1228)

Recebido em: 23 de dezembro de 2019. Aprovado em: 05/01/2020

Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 83-103 - ISSN 1984-5561
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel



DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

Resumo: O trabalho reúne textos da Dramaturgia e da Filosofia de Gabriel Marcel, quando tratam da condição existencial de homens e mulheres que viveram os tempos sombrios do século XX. Seu objetivo é ressaltar tanto os aspectos aviltadores da consciência humana quanto os deveres do filósofo diante da realidade e suas aproximações concretas. Pretende caracterizar os modos como o drama e a reflexão permitem uma abordagem de preocupações, conceitos, visões e temas caros ao autor, entre os quais a distinção entre saberes absolutos e intuições filosóficas ou entre Ser e mistério. Visa tanto mostrar a atualidade do pensamento marceliano, como colocar em relevo as questões mais profundas da vivência humana. Mais ainda, apontar subsídios fenomenológicos que ajudem a desvelar o que está por traz do visível e do aparente, visando conduzir o leitor à consciência de si no mundo. Ademais, procura identificar as implicações sobre as configurações do processo de formação do Ser, que envolve o combate obstinado e sem tréguas contra o espírito de abstração e a favor do humano e sua dignidade, no âmbito de uma cultura globalizada e massificadora dos indivíduos, em suas formas de ser, viver e pensar.

Palavras-chave: Filósofo. Tempos Sombrios. Gabriel Marcel. Participação. Aproximação.

Abstract: The work brings together texts from Gabriel Marcel's Dramaturgy and Philosophy, when they deal with the existential condition of men and women who lived through the dark times of the twentieth century. Its aim is to emphasize both the demeaning aspects of human consciousness and the philosopher's duties to reality and their concrete approaches. It aims to characterize the ways in which drama and reflection allow an approach to concerns, concepts, visions and themes dear to the author, including the distinction between absolute knowledge and philosophical intuitions or between Being and mystery. It aims both to show the current of the marceliano thought, and to emphasize the deepest questions of the human experience. Moreover, point out phenomenological subsidies that help unveil what is behind the visible and the apparent, aiming to lead the reader to self-awareness in the world. Moreover, it seeks to identify the implications on the configurations of the process of formation of the Being, which involves the stubborn and relentless combat against the spirit of abstraction and in favor of the human being and his dignity, within a globalized and massifying culture of individuals, in particular. your ways of being, living and thinking.

Keywords: Philosopher. Dark Times. Gabriel Marcel. Participation. Approximation.

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

INTRODUÇÃO

Christiane – Ninguém é simples.

Denise - Penso o contrário, todo mundo é simples, *Christiane*. A complicação faz parte do cenário que todos reunimos, das aparências que colocamos lá para que ninguém se aproxime de nós e nos machuque.

Christiane - Antonov ensaia seu poema sinfônico: todos estamos em nosso próprio mundo, atendendo nossos pequenos negócios, também atentos aos nossos pequenos interesses. De repente, nos conhecemos, nos abraçamos e isso é ouvido como um ruído que lembra atritos de uma sucata.

Denise – Como poderia ser de outro modo?

Christiane – (seguindo seu pensamento) – Mas não há mais centro, tampouco vida, em nenhuma parte.

Denise – E tu em tudo isto?

Christiane – Eu ... coloco-me a escutar.

Denise – No vazio?

Christiane – Tu o disseste: no vazio.

Denise – E o resto do tempo?

Christiane – Eu acho que ... vivo. Sou o que se chama uma mulher ocupada (MARCEL, 1933a, p. 43, 44).

O diálogo entre *Christiane* e *Denise* é parte da peça de teatro intitulada *Le Monde Cassé (O Mundo Partido)*, escrita por Gabriel Marcel em 1933. A conversa se desenrola em torno daquilo que falta ao mundo – a unificação entre o real e o espiritual –; problematiza o modo habitual como todos os homens vivem – em torno de suas próprias tarefas, projetos e interesses –; reflete acerca das ideias de ‘simplicidade’, ‘centro’ e ‘vida’; pondera sobre como os indivíduos existem sob a ótica de uma certa noção de (a)normalidade – cada um em volta dos seus objetivos, funções e afazeres imediatos –; além, de procurar chamar atenção para a forma como cada pessoa apreende sua realidade, constrói seu pensamento e determina suas ações e prioridades, em torno de si mesmas e dos outros homens. Sobre os núcleos destas percepções humanas, comenta-se:

Christiane (a Denise em tom de censura). – Por que? Por favor, sabendo você como é Laurent, por que lhe dissestes estas coisas?

Denise – Como? Que aconteceu? É Dolores, não sou eu.

Christiane – Olha, em primeiro lugar, não temos segurança...

Augsburger – Na verdade... eu vou dizer minha opinião, embora a dos senhores não interesse muito; é certo que estou um pouco velho para enfrentar estas situações novas. Porque mulheres assim, como esta senhora, sempre estão perturbadas, são grandes candidatas a reclusão em um manicômio.

Denise – São tão normais como você e eu.

Christiane – Eu não, eu não penso assim igual a tu.

Denise – Ademais, se pode saber o que significa a palavra normal? (MARCEL, 1933a, p. 41).

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**

SILVA, Ezir George

No aspecto dinâmico, tanto Denise quanto Christiane representam determinados paradigmas comportamentais, ou, mais restritamente, tipos e/ou formas de apreensões da situação humana na contemporaneidade. De um lado, encontramos Denise, a personagem que se deixa conduzir pelas leituras de senso comum, por perguntas desprovidas de interesses ontológicos, por ausência de perspectiva de mudança do real e pela falta de uma exigência que lhe mova a busca de um sentido existencial mais profundo. Por outro lado, vemos Christiane, alguém que reconhece a perda do sentido da existência humana e que se inquieta com as aparentes normalidades históricas. Ela representa o homem contemporâneo que, diante das despersonalizações das relações humanas e dos processos de esvaziamento da vida se coloca, obstinadamente, sem tréguas, contra o espírito de abstração.

Em suma, o diálogo pretende nos indicar como, pouco a pouco, a humanidade afastou-se da sua condição existencial fundamental e passou, consciente e inconscientemente, a criar uma atmosfera espiritual, minimamente favorável ao exercício da reflexão. As falas dessas duas personagens ajudam-nos a compreender porque, em nossa época, os homens estão indiferentes ao que é próprio do Ser-humano e, cada vez mais, a favor daquilo que o degrada e o ameaça espiritual, existencial e historicamente. Diante de tais situações, devemos perguntar, “em que condições o homem pode se converter integralmente em uma questão para o homem?” (MARCEL, 1955, p. 9).

Nas partilhas das visões e concepções dessas duas mulheres, se reconhece a oportuna e inadiável questão entre o que é ‘necessário’ e o que é ‘suficiente’. Além disso, a própria postura de Antonov – personagem e parte do conteúdo da conversa – remete à reflexão acerca da condição humana na atualidade, para o modo como os processos de produção de bens de consumo, os aprimoramentos das técnicas, as novas tecnologias da informação, os desenvolvimentos dos sofisticados comportamentos estéticos, a alienação e a cultura do consumo têm alterado e contribuído para maquiagem tanto as formas como os homens se veem, como os novos processos de deserção social e despersonalização das relações humanas. Mergulhados nos surtos dos antagonismos, homens e mulheres optam, cada vez mais, por aquilo que é suficiente nos âmbitos da Educação, do Social, do Político, do Mercado, do Laboral, do Ecológico, do Psicológico, do Religioso, do Espiritual e das próprias Relações Intersubjetivas. Deve ser suficiente – mas para quê?

Entre a ambivalência humana e a inquietude angustiante do mundo é que consideramos atual tanto o interesse, como a análise, em uma perspectiva fenomenológica, das personagens Denise e Christine:

O interesse propriamente filosófico – e não exclusivamente psicológico – de nosso problema está ligado, evidentemente, a esta ambiguidade; talvez devesse dizer a esta ambivalência que caracteriza a inquietude. Como é que, seguindo o caminho que adotamos para considerá-la, pode nos aparecer como um entrave ou, ao contrário, como um estímulo? Esta dupla possibilidade só pode se originar na situação metafísica que pertence ao homem. Meu propósito geral não é, pois, limitar-me a passar em revista as atitudes adotadas frente a esse problema [a inquietude] por certo número de grandes espíritos: minha ambição seria chegar, por meio deste exame, a tomar posição, na medida do possível, frente à inquietude contemporânea. Pois é possível duvidar que, em alguma época do passado,

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

esse transtorno tenha sido mais geral e mais profundo (MARCEL, 1955, p. 83, 84, 85).

Em um aspecto problematizador, as reflexões das duas personagens nos remetem para as inquietações humanas que tratam acerca das visões de mundo que nos comportam, das preocupações que nos atravessam, das intuições existenciais que nos advêm, das conversas que mais nos provocam no dia a dia e, mais especificamente, sobre a necessidade que sentimos de buscarmos aquilo que realmente pode se constituir em um fator gerador de sentido humano, mas que a maioria dos homens ignora. Por outro lado, em um aspecto específico, trata-se de perguntar: que é um homem livre? E, a propósito, o que significa o que Marcel chamará de “espírito de abstração”?

A condição do homem é de Ser-em-situação, todavia, “não se trata, pois, de averiguar o que é um homem livre ‘em si’, por essência, o que talvez nem tenha significado; mas como, na situação histórica em que nos achamos e que temos de afrontar, hic et nunc, pode conceber-se e afirmar-se essa liberdade” (MARCEL, 1951b, p.15). No cerne destas questões, assim como no conteúdo do diálogo construído entre Denise e Christiane, encontram-se, basicamente, tanto as indicações acerca da situação espiritual do nosso tempo, como as reflexões mais urgentes sobre a o lugar, a importância e o dever do filósofo no mundo atual.

**SITUAÇÃO ESPIRITUAL DO NOSSO TEMPO: ENTRE O MUNDO PARTIDO,
O HOMEM PROBLEMÁTICO E AS APROXIMAÇÕES CONCRETAS**

As obras *Le Monde Cassé* (1933a) e *Position et Approches Concrètes du Mystère Ontologique* (1933b) foram escritas na mesma época. A primeira, é de natureza teatral, representa a descrição do drama e da situação do homem na contemporaneidade. Enquanto, a segunda, de caráter ensaístico-filosófico, descreve o esforço que todo homem deve empreender para esclarecer certa situação fundamental. Ao propor a interface entre dramaturgia e reflexão ontológica, Marcel indica como a Filosofia e a Existência são inseparáveis e porque na negação de uma compromete-se a outra e o sentido da vida em geral. Filosofia e Existência “[...] ensinam o caminho da vida pessoal e da certeza pessoal” (MARCEL, 2018, p. 53).

Dessa maneira, tanto a Filosofia Existencial, como a própria produção dramática de Marcel procuram colocar em relevos as personagens(pessoas) que agem(atuam) e vivenciam (representam) existencialmente, os processos e os âmbitos que comportam tais realidades (cenários) e seus múltiplos sentidos. As naturezas dessas obras são distintas apenas nas formas de descrições, metodologias e modos de apresentações e abordagens. Todavia, em relação aos seus conteúdos, tanto a Dramaturgia quanto a Filosofia apontam, separada e/ou conjuntamente, para a necessidade de se resgatar o fulcro espiritual que se esforça por elaborar um tipo de aproximação concreta entre o homem, seu mundo e suas compreensões. Em uma carta endereçada a Roger Garaudy, Marcel esclarece como o teatro representa para seu pensamento um *locus philosophicus*:

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**

SILVA, Ezir George

O teatro apresenta-se em primeiro lugar, em mim, como instrumento de prospecção, exercendo-se fora de todo pressuposto ideológico, mas intervém também como corretivo ao que toda síntese filosófica tem de inevitavelmente parcial. [...] aos meus olhos, a obra dramática só manifesta um verdadeiro alcance se for capaz de, uma vez o pano caído, viver intensamente no espectador, para agitá-lo e, de certo modo, para elevá-lo acima dele mesmo (GARAUDY, 1968, p. 154, 155).

Ao falar, na peça teatral *Le Monde Cassé (1933a)*, acerca da relação do homem com seu mundo imediato, Marcel pontua de que modo a tríade – presença, apreensão e participação – se perde nos âmbitos dos afazeres diários, dos trabalhos específicos, das tarefas executas, das ocupações cotidianas e dos processos de alienação social e indiferença relacional. Ademais, nosso dramaturgo descreve a maneira como cada personagem se evolve com a atividade reflexiva e o nível de interesse que cada um manifesta por ultrapassar as condições concretas que os determinam, individual e/ou coletivamente. Entenda-se por perda da capacidade reflexiva, o processo de abstração da consciência que o homem precisa ter sobre si mesmo, suas relações intersubjetivas e sua realidade em geral. Falamos acerca das verdadeiras sinopses que a reflexão existencial exige e deve sempre levar em consideração.

Nesta perspectiva, ao pensar no “eu”, enquanto fulcro fundador da condição humana, Gabriel Marcel reflete acerca das barreiras que o pensamento objetivista impõe sobre os processos de formação e aprofundamento da própria consciência de cada indivíduo. Diante das tendências reducionistas do “eu”, ele propôs uma análise de conjuntura dos aspectos aviltadores da vida. Trata-se do enfrentamento dos mecanismos funcionalizadores dos seres humanos e dos processos que levam o homem a confundir a consciência de si mesmo com as tendências do individualismo, do objetivismo, do particularismo ou algum outro tipo de representação e definição categórica. Desta forma, Marcel anteviu os efeitos que a revolução industrial, o triunfalismo tecnológico, os dogmatismos religiosos e os totalitarismos trariam sobre a imagem que o homem constrói de si mesmo e de suas respectivas consequências. Fala-nos ainda, dos modos como os cidadãos modernos haveriam de lidar com os novos aspectos deflagradores de sua realidade. Conforme Pietro Prini (1975, p. 73.75),

[...] os procedimentos críticos de Marcel tratam de recuperar o genuíno conceito do conhecimento concreto, mas do que deter-se nas considerações das antinomias e nos domínios insuperáveis da razão; ou mais precisamente, em procurar se apoiar no fracasso de uma racionalidade decaída, para acessar um novo e mais profundo ideal do conhecimento, este filósofo reconhece que o conhecimento depende de um modo de participação do qual uma epistemologia, qualquer que seja, não poderá dar conta, porque ela mesma o pressupõe. A tarefa metafísica será, por outro lado, não resolver o mistério ontológico degradando-o ao nível do problema, senão delinear um caminho de uma dialética que nos conduza concretamente ao seu reconhecimento dentro da totalidade de nossa vida espiritual, continuamente ameaçada por rupturas e escleroses provocadas pelo espírito de abstração.

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

Diante das exigências existenciais e dos aspectos complexos da condição humana, Gabriel Marcel compreende que, em primeiro lugar, na situação espiritual do nosso tempo, “há liberdades perdidas”. Ressalta “que nunca é demais afirmar fortemente que a mentira, venha de onde vier, vai sempre favorecer a servidão” (MARCEL, 1951b, p. 37). O homem não é um ser pronto, acabado, determinado e concluído. A condição humana é de ser-em-situação, ou seja, não se resume e/ou se repete em generalizações categóricas e metodologias reducionistas. Seja do ponto de vista conceitual ou político toda concepção totalitária a respeito do que é o Ser sempre resultará em condicionamento. Neste sentido, Marcel procura mostrar, desde a elaboração dos *Fragments Filosóficos (1909-1914)*, ainda na juventude e no início das primeiras construções, tanto os limites do ‘saber absoluto’, como a crítica aos sistemas idealistas, intelectualistas, dogmáticos e fideístas; pressupostos epistêmicos marcantes desta respectiva época. Trata-se de ressaltar como seu pensamento evoluiu, no curso da sua frutífera carreira filosófica, rumo a uma experiência original e originadora de humanos sentidos. Noutros termos, a existência humana não pode se constituir em uma metafísica intelectualista do controle e do limitável.

Rejeitar, pura e simplesmente, toda imanência do Ser à consciência significa negar a relação do pensamento com o real. Representa dizer “que uma concepção materialista consequente é incompatível com a ideia de homem livre, ou mais exatamente, em uma sociedade governada por tais princípios a liberdade volve-se no seu contrário; essa já não é senão a mais enganadora das tabuletas” (MARCEL, 1951b, p.21). Ademais, tanto as posturas totalitárias como os discursos idealistas não passam de proposições condicionantes acerca da existência humana e sua relação com a liberdade do Ser humano. Diante da afirmação de que os absolutismos das concepções e dos projetos políticos não representam um fim em si mesmos, cabe-nos questionar; será que as filosofias dos saberes absolutos, assim como as posturas totalitárias não são portadores das mesmas ilusões que os realismos ingênuos?

Em um segundo lugar, como bem frisa Pérez (2001, p. 304), destaca-se, como marca da situação espiritual do nosso tempo, “as técnicas de aviltamento como mecanismo obturador da relação entre o homem e sua própria consciência”. Do ponto de vista geral, as técnicas sempre foram vistas como processos legítimos que contribuem para o desenvolvimento social e a transformação do mundo. “As técnicas possuem, pois”, observa o comentador, “certas características: são habilidades especializadas, viáveis e transmissíveis enquanto atitude racional, representam o âmbito da exatidão e da precisão, algo que implica a necessidade de deixar de lado as questões mais gerais” (PÉREZ, 2001, p. 304). Conquanto os usos das técnicas sejam, reconhecidamente, possíveis e verdadeiros, há que se considerar, em um sentido obturador, seu aspecto aviltante. Por técnicas de aviltamento, entende-se o uso de “processos intencionais para atacar e destruir em indivíduos de categoria determinada o respeito de si mesmos, transformando-os, pouco a pouco, em resíduos que se considera tal e só pode desesperar não só intelectualmente mas até vitalmente, de si próprio” (MARCEL, 1951b, p. 30).

Ao longo da sua carreira acadêmico-filosófica, Marcel apresentou inúmeras críticas à relação entre técnica e ideologia. No conjunto dos meios de comunicação de massa ressaltam-se aqui; o rádio e a propaganda. Sobre o rádio, destaca-se seu poder de alcance plural e social, sua praticidade de divulgação dos anúncios e força uniformizadora e compacta da organização das mensagens e formas de compreensões. Aquilo que, em sua especificidade, se pode chamar de “o dom da ubiquidade” (CLOUTIER, 1975, p. 35).

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

A segunda forma usada para promover a cultura de aviltamento foi a propaganda. Trata-se de algo que levou Marcel, desde cedo, a manifestar muitas inquietações. Embora a propaganda não possa classificar-se, especificamente, entre as técnicas de aviltamento, há que reconhecer o modo como ela tem sido usada enquanto meio de persuasão maciça para conquistar associados a uma empresa ou agregar pessoas a partidos políticos e núcleos religiosos. Ao anunciar vantagens, promessas, favores e benefícios únicos aos que se associam a estes tipos de organizações e/ou agremiações, a propaganda se coloca a serviço dos processos de alienação, degradação, manipulação e aviltamentos humanos. No caso específico da religião, dizemos “[...] que ela não pode se tornar isso para mim; o que corresponderia a sua negação, de modo que ela se reduziria, caso assim fosse, a uma fantasmagoria pura” (MARCEL, 2018, p. 62).

Ao pretender modelar o pensamento em torno de uma visão comum e hegemônica, a propaganda oblitera o princípio constituidor da liberdade e passa a exercer a função de instrumento manipulador da opinião e da realidade em geral; a propaganda favorece tanto a manipulação quanto a servidão (SILVA, 2008). Ao pretender influenciar um determinado tipo de público, a partir de um viés político-populista ou religioso-reacionário, a propaganda se converte em um poderoso e estratégico instrumento de uniformização das consciências e da massificação social (MANVELL; FRAENKEL, 2012). Em resumo, as técnicas de aviltamento se constituem em variados tipos de processos, metodicamente, elaborados. Portanto, trata-se de um tipo de conteúdo que é intencionalmente construído e, por isso, facilmente capaz de ser ensinado, apreendido e reproduzido. Um tipo de recurso estratégico que pretende assegurar, aos custos das existências alheias, a realização de um determinado fim, ideologicamente, visado.

“Técnica de aviltar e massa são gerados reciprocamente, de modo que regime existencial técnico e massa passam a ser a mesma coisa” (JASPERS, 1933, p. 35). As técnicas de aviltar geram, em um terceiro momento, “o espírito de abstração”. Aplicado ao sentido categórico,

[...] convém primeiro distinguir entre abstração e espírito de abstração, mas a distinção não é fácil de apreciar. A abstração em si própria é uma operação mental indispensável para chegar a um fim determinado. A psicologia esclareceu perfeitamente a ligação interna entre a abstração e a ação. Abstrair é, em suma, proceder a uma terraplanagem, que pode ter caráter verdadeiramente racional. Quer dizer que o espírito deve conservar consciência precisa e distinta das omissões metódicas necessárias para alcançar o fim visado. Mas pode o espírito, por uma espécie de fascinação, perder consciência dessas condições prévias, do que em si é apenas processo, quase poderia dizer-se expediente [...] Desde que concedemos arbitrariamente preeminência a uma categoria separada de todas as outras, somos vítimas do espírito de abstração. Mas o que importa é ver que apesar das aparências, esta operação não é essencialmente intelectual (MARCEL, 1951b, p. 138).

A massa, enquanto público de interesse, é um produto histórico característico; representa um conjunto de seres humanos em delimitação e gradação indeterminadas, sujeitos que são cooptados tanto pelo poder da palavra elaborada como da opinião de senso comum (MARCEL, 1957). “A massa faz tábua rasa de tudo que não é como ela, de tudo que é excelente, individual, qualificado e escolhido” (MARCEL, 1951b, p. 124). Sobre as

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

especificidades das massas, acrescenta-se “que não há uma massa única, mas massas diversas que surgem, fenecem e se reinventam, porque são mutáveis entre si e distintas, um fenômeno as vezes de uma determinada substância histórica da vida humana (JASPERS, 1933, p. 37).

Nestes termos, Marcel reconhece que o processo de abstração está ligado a uma dupla mentira; primeiro, a mentira sobre si mesmo e, segundo, a mentira acerca de outrem. O fato é que a abstração está associada ao condicionamento depreciativo, reducionista e negador da liberdade e da condição existencial fundamental. Trata-se de um tipo de disposição por onde o elemento do ressentimento se converte em posturas fascistas, violentas, segregadoras, marginalizadoras, negadoras, classificadoras, invisibilizadoras e aviltantes dos indivíduos. Tudo isso, “sobretudo porque esse espírito de abstração é o elemento mais contrário a paz que existe” (PÉREZ, 2001, p. 320). A massa é a síntese da abstração, digamos, é a condição em que o sujeito não só abre mão da sua própria consciência, como representa a forma pela qual o homem procura se opor, radicalmente, a todos aqueles que se enxergam, pensam e compreendem-se diferente e subjetivamente. O critério da abstração é a própria abstração (MARCEL, 2018).

O espírito de abstração é inseparável deste tipo de erro, ou antes, este erro o constitui, considerando que, em si mesmo, produz-se uma espécie de transvaloração maciça de uma determinada visão de mundo que se pretende hegemônica. O espírito de abstração é um fator de conflitos e até de deflagração de ameaças e guerras. Representa, em um terceiro lugar, “um mecanismo constituidor da consciência fanatizada” (MARCEL, 1951b). Para Marcel, o mundo inumano e desumanizador é o resultado de uma realidade que exalta a técnica acima do que é o humano, expressando, pois, uma realidade vazia de substancialidade e núcleo obturador dos laços geradores de sentido e concretização existencial. Além disso, transforma as relações em um o *locus* pragmático e generalizador tanto do homem como da vida em geral. Em um sentido específico,

[...] o fanatismo é a opinião levada ao paroxismo, com toda a cega ignorância de si mesmo. Observemos ainda que, sejam quais forem os fins que o fanático se propõe ou crê propor-se, ainda quando julga querer aproximar os homens, só pode separá-los; como não pode acomodar-se com essa separação, acaba, como vimos, por suprimir os adversários e para isso procura não ter deles senão uma imagem tão materializante e degradante quanto possível (MARCEL, 1951b, p. 182-183).

Do ponto de vista fenomenológico, a consciência fanatizada atua tanto no sentido individual, como a partir da incidência da fé religiosa, dos processos proselitistas e das posições políticas sobre o imaginário social de um determinado povo. No aspecto político, os pressupostos fanáticos se afirmam com base nos ideais nacionalistas, moralistas, totalitaristas, desenvolvimentistas e de todas as determinações e terminologias ideológicas que comportam as partículas dos “ismos” e seus falsos cognatos. Toda prática fanática é portadora de uma técnica de aviltar. No sentido religioso, as posturas fanáticas se anunciam na imposição do dogma, no legalismo-acético do comportamento, no rigor das práticas, nos julgamentos alheios e nos discursos promotores da intolerância, da discriminação do culto ao diferente e do desprezo pelo acolhimento da verdade do outro e sua vivência de fé e compreensão do mistério. Como observa o filósofo francês, “a religião vista de fora não pode, pois, aparecer como a ordem do arbitrário absoluto” (MARCEL, 2018, p. 50).

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

Representa dizer, que a consciência fanatizada não pode separar-se dos espectros absolutistas se não por uma abstração viciosa, porque, basicamente, sua constituição, comporta tanto uma determinada “consciência de” e, mais rigorosamente, a um tipo de “consciência para”.

Ademais, é preciso dizer que o ponto primordial desta discussão é que a existência humana não pode ser compreendida fora da sua realidade, que a constituição de sentido tanto do homem como por parte da própria Filosofia exige o testemunho do drama e o reconhecimento que a condição humana é de Ser-em-situação (SILVA, 2019). É no fulcro angustiante da realidade imediata que o homem se move a busca do sentido e se abre a noção de transcendência. Falamos a respeito de uma nova ordem de compreensão espiritual por meio da qual tanto a intuição existencial quanto a consciência de que somos seres itinerantes, nos colocam na direção daquilo que falta ao real e que precisa ser por nós buscado. Nos referimos, basicamente, à expressão de uma exigência ontológica que se reflete na fala de Christine que, ao dirigir-se a Denise, põe-se a perguntar, a partir de si mesma:

[...] não tens algumas vezes a impressão de que vivemos... se a isto se pode chamar viver...em um mundo partido? Sim, aos pedaços, como um relógio quebrado. A corda não funciona mais. Em aparência, nada mudou. Tudo está em seu lugar. Mas se se aproxima do relógio ao ouvido... não se ouve nada (MARCEL, 1933a, p. 45).

Como mostra o filósofo dramaturgo: “Parece, entretanto, ilegítimo reduzir o fato da ilusão à verdade ideal como seu fundo” (MARCEL, 2018, p. 28). A situação espiritual do nosso tempo remete-nos ao reconhecimento que habitamos um mundo partido. Que diante das fraturas existenciais e dos processos de despersonalização das relações humanas a vida se torna, cada vez mais, agônica, impraticável, irrealizável e impossível de concretizar-se. Investida da necessidade de autocontemplação, Christiane ainda comenta:

[...] Tu compreendes, o mundo, isso a que chamamos mundo, o mundo dos homens, devia ter um coração em outro tempo. Mas se diria que este coração deixou de bater. Laurent prepara regulamentos; papai é filiado ao Conservatório e mantém com poucos recursos uma senhorita; Henri se prepara para dar a volta ao mundo [...] Antonov ensaia seu poema sinfônico... Cada um no seu canto, em seu pequeno negócio, seus pequenos interesses. De repente, nos conhecemos, nos abraçamos e isso é ouvido como um ruído que lembra atritos de uma sucata (MARCEL, 1933a, p. 45).

Na percepção da personagem Christiane, as relações impõem, sobre a realidade do mundo, a reivindicação de fins precisos que tendem, inevitavelmente, a produzir um estado de automatização por onde o homem se reduz a uma expressão fechada de si mesmo e com a qual se pretende confundi-lo. O homem se torna problemático.

O homem problemático é para Marcel, “[...] um ser cuja originalidade mais profunda consiste talvez não só em perguntar pela natureza das coisas, senão em interrogar-se sobre sua própria essência” (MARCEL, 1940, p. 68). É o Ser que nunca pode conceber-se e afirmar-se fora e/ou para além da sua própria liberdade. É o homem que reluta em não perder sua significação autêntica, em não deixar-se persuadir pelas técnicas de aviltamento e

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**

SILVA, Ezir George

abstração. É alguém que procura interpelar a natureza do processo de automatização de sua existência e transcender os domínios do dado e da aparência de sua própria realidade (SILVA, 2018).

A problematização se estende a todas as áreas da vida humana. Por inserir-se no âmbito daquilo que o homem é, no seu mais íntimo Ser, a problematização não se deixa traduzir em linguagem de causalidade. Como atitude interrogativa o ato de problematizar progride em direção à liberdade e se expressa naquilo que é e poderá vir a ser o homem, “[...] dado que a liberdade se recusa a converter-se em coisa” (MARCEL, 2018, p. 56), porque a liberdade se choca com a muralha do fato. Nas palavras de Marcel:

Mas o que chamei de problematização do homem por si mesmo apresenta um caráter singular de não desembocar para uma possível indicação: ou talvez é preferível dizer que esta problematização se estende ao mesmo tempo a toda direção as origens, a essência e o destino do homem (MARCEL, 1940, p. 68).

A problematização se assenta em uma dimensão metafísica, em uma exigência ontológica que nasce do fulcro portador de uma certa clarividência espiritual, em um sentido de busca que se traduz em uma verdade transcendente. Nestes termos, cabe-nos questionar; em que consiste a angústia do homem problemático? Responde Gabriel Marcel, na ausência de *Posições e Aproximações Concretas ao Mistério Ontológico* (1933b). E, a propósito, não estará aí o dever do filósofo em tempos sombrios? Seu chamado e significado mais profundo e autêntico?

O FILÓSOFO EM TEMPOS SOMBRIOS: ENTRE O TEMPO FECHADO E O TEMPO ABERTO

O filósofo é um homem do tempo e da história. Sua condição existencial é a de um Ser que se afirma pelo compromisso, constantemente assumido, em face do desejo por desvelar e acessar os âmbitos mais profundos tanto da condição humana, como da própria realidade do mundo que o cerca. “O Filósofo não se realiza no abstrato nem na solidão, mas na situação e comunicação existencial” (JASPERS, 1953, p. 45). Conforme Karl Jaspers, o lugar da realização do filósofo não é apenas o da tradição do pensar, mas o da realização histórica. Ao contrário do que pensam algumas pessoas, o filósofo não é um Ser isolado, alheio ou indiferente ao mundo, “como se fosse um puro contemplativo em solidão eremítica” (MARCEL, 1951b, p. 91).

Do ponto de vista geral, por um lado, as opiniões acerca do filósofo variam entre um simples (re)produtor de ideias ou sob a determinação de um mero pensador do vazio. Por outro lado, existem aqueles que o consideram como um mero especialista do pensamento, uma espécie de agente decifrador do óbvio e/ou, quiçá, um sujeito intoxicado pela própria arrogância, orgulho e capacidade de decocção de sistemas e dos conteúdos. Na concepção de Gabriel Marcel (1927), o filósofo não é apenas um homem de hábitos, mas um Ser de

DOI: 10.25244/uf.v13i3.1228

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

aspirações; não é um profeta portador de convicções dogmáticas, mas um ser a caminho do esclarecimento; não é um porta-voz de discursos metanarrativos, mas um sujeito de busca fenomenológica, cujo sentido da vontade não se encerra nas premissas do dado, do visto e do imediato. O filósofo não é o homem do ingênuo suspiro, mas o Ser que anela por seu próprio desvelamento e pelos acessos intuitivos da transcendência e os processos mediadores do agir coerente.

Em termos históricos, o filósofo do século XIX reduziu-se, na grande maioria, ao papel do professor. Enquanto no século XX, a ação do filósofo se confundiu com a de um especialista, cujo raio de ação se limita, literalmente, às tarefas profissionais – que nada possuem de, essencialmente, filosófico – em virtude do número enorme de exames que pouco preparam e em nada realizam. Neste seguimento, “o filósofo corre o perigo de separar-se da vida e substituí-la insensivelmente pelo seu domínio de pensamento, espécie de jardim cerrado e bem tratado, onde ele muda cuidadosamente os arbustos” (MARCEL, 1951b, p. 98). Nestas condições, podemos dizer que a diferença entre o especialista do pensamento e o filósofo encontra-se no modo como cada um se coloca diante da noção norteadora do sentido próprio do tempo. Acrescentamos que, para o filósofo que, acima de tudo, quer ser relevante, cabe tanto posicionar-se, engajadamente, diante da angústia do mundo atual, passível de integral destruição, como procurar responder as exigências imprescindíveis de um pensamento que esteja a serviço do homem e sua realização existencial. Para que o filósofo não caia em armadilhas e viva em labirintos é preciso, entre outras coisas, que seu olhar o ajude a discernir acerca das diferentes maneiras de compreender e viver o tempo.

Sobre as diferentes maneiras de viver o tempo, Otto Friedrich Bollnow diz que há duas possibilidades: o *Tempo Fechado* e o *Tempo Aberto*. O tempo fechado é aquele em que o cumprimento da espera se mostra como uma tranca que “fecha” e aprisiona o ser, ao longo do transcorrer da espera. Isto significa que:

[...] ainda quando falta o acontecimento que se encerra temporariamente, está já dado com precisão no presente o que poderá acontecer no futuro. Os sentidos estão dirigidos exclusivamente para esta finalização pendente e tudo mais se encontra como ofuscado, não existe. E isto significa de uma vez: que o futuro, enquanto tempo de espera, está dado na espera, está pré-definido (BOLLNOW, 1962, p. 94, 95).

No tempo fechado, o futuro já está determinado. Os horizontes das possibilidades, que deveriam caracterizá-lo, são substituídos por previsões herméticas que transformam a perspectiva do novo, em expectativa por aquilo que antes já foi simplesmente decidido, um conjunto de acontecimentos que trazem em si um princípio e um fim. O tempo aberto não é mecânico nem se traduz como uma vivência impotente e passiva do Ser, diante dos fatos e ocorrências históricas de seu próprio viver. No tempo aberto, o homem se vê como alguém capaz de atuar, de optar e de fazer de sua vida um processo de crescimento, que não pretende outra coisa, senão o alcance de sua plenitude humana.

No tempo aberto, “o futuro é por princípio sempre imprevisível” (Ibidem, p. 95). Nele, o homem não se encontra enclausurado, porque sua existência é vista pelos prismas de sua liberdade e de suas possibilidades. As possibilidades do Ser lhe trazem esperança; de um

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

futuro autêntico do seu próprio existir. Um futuro que não é visto por ele como ameaça, que pretende comprometer sua forma de ser no mundo, mas que, se anuncia através da confiança que o homem passa a ter em si e em sua própria vivência histórica.

Na atitude da vivência histórica, o filósofo não aguarda o futuro; ele se estende ao futuro, enquanto abertura existencial. Sua amplitude temporal não aceita a ideia de um futuro comprimido, cujo fim já está dado ou determinado, como se fosse algo conclusivo e acabado. Movido pela Esperança a atitude resoluta do Ser, de agente construtor de si mesmo, mostra-se em um sentido antropológico, à medida que ela, a *vivência histórico-filosófica*, passa a ser apreendida e compreendida por ele, como a última condição da vida humana, capaz de possibilitar todo *estar-paciente* e todo *estar-disponível* (BOLLNOW, 1962).

A função antropológica da vivência histórico-filosófica é capacitar o Ser a resistir firme e resolutamente às pressões existenciais da angústia e do desespero. “Representa o ato pelo qual esta tentativa é ativa e vitoriosamente superada” (MARCEL, 2005, p. 48). Ela é a força que energiza a alma do Ser a não submeter-se à atração obscura de uma existência desesperada e confusa. Em sua imanência, a vivência histórica comporta, tanto os aspectos negativos como positivos, da própria vivência existencial do homem, procurando tornar possível sua vida e forma de Ser no mundo que, diante do “eu espero”, em face às situações-limite da enfermidade, do exílio, da separação, da escravidão e da morte, se recusa a entregar-se ao desespero; do homem que passa a assumir o *étos* de uma esperança existencial, como uma verdadeira resposta do Ser, que consciente de sua condição itinerante, a concebe como alicerce de si, e ao mesmo tempo, como condição para se engajar existencialmente

Diante das dificuldades do seu tempo e sob a ameaça que o espírito de abstração tem exercido sobre as consciências humanas, em um período de desenvolvimento tecnocientífico, Gabriel Marcel procura fazer, na obra *Os Homens Contra o Homem* (1951b), uma reflexão-crítica sobre o papel do filósofo face à “essência da realidade espiritual [...] de um mundo destruído e em guerra consigo mesmo” (MARCEL, 1951a, p. 14, 32). Levando em conta estes pressupostos, destacamos os deveres que pesam sobre o filósofo, em uma era de aviltamento da pessoa humana, procurando partir das condições gerais de suas possibilidades.

Nesta perspectiva, o dever do filósofo, em um primeiro momento, como se tem visto em todos os grandes pensadores, “é o de nos ensinar a irrealidade fundamental acerca do que estamos habituados a considerar como nossa tarefa” (MARCEL, 2018, p. 18). Nos *Extratos das Primeiras Notas e Esboços Filosóficos, 1909 a 1914 [Manuscrito IX]*, ao pensar no “eu”, enquanto fulcro fundador de toda moral, Gabriel Marcel reflete acerca das barreiras que o pensamento objetivista impõe sobre os processos de formação e aprofundamento da própria consciência humana. Conquanto se pense que as diferenças entre o “eu” e a individualidade não possam ser resolvidas por dentro do simples contraste filosófico, reconhecemos que é na dimensão do Ser que podemos vê-los, dialeticamente, por meio do mistério, cujo sentido existencial, pretende “reduzir tudo o que, em nós, é natureza, a ser apenas a expressão desejada e consciente desse pensamento eterno, fora do qual não há moralidade...” (Ibidem, p.17).

Em, “notas de quatro de julho” (Idem), Marcel pontua que o mistério do Ser se anuncia diante do problema da transcendência divina. Para Marcel, a condição do homem é de ser-em-situação, porque é na realidade e através da intuição que o pensamento metafísico se apreende e se define *in concreto*. Nesse sentido, a concepção do “eu” abre vias de

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

investigação acerca dos elementos constituidores da condição humana e suas próprias experiências. Nosso filósofo propõe ainda uma interface entre o “problema”, que condiciona a existência, e a dimensão do “mistério”, que nos liberta para além da inautenticidade. Trata-se de uma experiência espiritual de maturidade e transcendência, onde a missão do filósofo deve ser o de nos ensinar a irrealidade fundamental acerca do que estamos habituados a considerar como simples condição da nossa natureza ou forma de viver. Entre a natureza racional e a realidade fenomênica há sempre uma lacuna que nem sempre a inteligibilidade é capaz de preencher. Na impossibilidade de deduzir o infinito há sempre o risco de subestimar o inesgotável ou reduzi-lo aos âmbitos de sua própria fragilidade.

Fato é que tanto a Guerra, que destruíra seu mundo imediato, quanto a libertação dos condicionamentos idealistas do pensamento ajudaram Gabriel Marcel a desprender-se da atmosfera espiritual rarefeita dos seus próprios tempos sombrios. Nesse sentido, ele ressalta que o dever do filósofo, é o de agir como um pensador que se esforça, infatigavelmente, para romper com o ciclo de uma leitura existencial superficial e que se coloca, a partir de sua própria condição humana, a caminho da criação de uma Filosofia da Existência que seja portadora de sentido humano e possibilitadora das relações intersubjetivas. Nessa perspectiva, o teórico adverte que o filósofo não pode permitir que sua atuação incorra em frivolidades, falsas lisonjas e/ou discursos pretensamente ideológicos e puramente publicitários.

Isto é, deve estar sempre em guarda contra uma pretensão incompatível com sua vocação verdadeira [...], porque o intelectual não se defronta com uma realidade resistente, como o operário ou o camponês, mas trabalha com palavras e o papel tudo consente (MARCEL, 1951b, p. 98).

Se, por um lado, o filósofo pode achar, diante dos desafios que lhe cercam, que deve ficar no campo das afirmações abstratas e/ou dos saberes que se pretendem absolutos, por outra parte, ele precisa reconhecer que o engajamento existencial se expressa pelo modo como cada um se compromete com as questões concretas do Ser, através da relação entre os fazeres e os dizeres, que são realizados dentro e fora dos espaços possibilitadores das vivências e das relações humanas.

Nesta continuação, ao filósofo cabe, em um segundo momento, “manter-se atento às questões humanas e às transformações do mundo”, buscar questionar as ideologias e repelir os processos que reforçam a cultura do envilecimento e da submissão à servidão. O filósofo não pode colocar-se como “[...] um especialista de certo modo intoxicado pela própria especialidade” (MARCEL, 1951b, p. 92). A atuação filosófica nunca se dá no campo da neutralidade; jamais poderá fechar-se em si mesma, porque a produção do saber articula-se através das relações existentes entre o pensar, a sociedade, o homem e a realidade. A construção de conhecimentos se transforma, continuamente, através do tempo e nos diversos espaços que vivemos e onde nos relacionamos. Posicionar-se indiferente aos processos de mudanças é subestimar a própria condição possível do Ser, é perder de vista a capacidade que o homem tem de criar, recriar e ressignificar os aspectos que constituem e dão sentido à sua própria visão de mundo.

Como Ser de presença, é dever do filósofo, em um terceiro momento, “procurar entender que sua relação com o mundo é sempre livre, criativa, consciente e intencional”.

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

Que “a nossa própria situação histórica se transforma desde que nos pomos em guarda contra o que pode chamar-se a sedução do acontecimento” (MARCEL, 1951b, p. 211). Colocar-se em guarda representa procurar não repetir ou esquivar-se diante das práticas e posturas aviltantes que pretendem a humilhação do homem e sua degradação. “O silêncio em tal caso é cumplicidade [...]. Efetivamente – e sem sombra de hesitação – o primeiro dever do filósofo no mundo atual é combater o fanatismo sob qualquer forma que revista” (Ibidem, p. 98-99).

Na determinação do pensamento, as palavras dos homens, em alguns momentos, constroem guetos, encerram-se em fórmulas precisas, comprometem a percepção da vida e tornam míope sua visão da existência. Na servidão, os conteúdos filosóficos constroem apenas submundos, fecham-se, caem em condicionamentos e tornam estes sujeitos, escravos de ideias e concepções que ameaçam a liberdade de si mesmos e a vitalidade da relação com os outros e o mundo. Onde quer que a Filosofia seja assim entendida, as possibilidades de transformação humana e intervenção social são reduzidas.

Na relação entre conhecimento e mundo é que surge, em um quarto momento, a necessidade do filósofo de procurar cultivar um olhar fenomenológico da situação fundamental do homem e empenhar-se em construir possibilidades para realizações do concreto. Para Marcel, as ideias e as concepções epistemológicas só fazem sentido quando são vistas a partir da própria realidade e do contexto imediato dos homens.

Pensemos que as ideias só têm vida se o espírito lhe conserva, julgando-as sempre, quer dizer, mantendo-se mais alto, e que elas deixam de ser boas e até de ser ideias quando deixam de ser a base sólida e a expressão em atos da liberdade interior (MARCEL, 1951b, p. 100).

Realidade, existência e pensamento não devem/podem ser concebidos separadamente. Na fratura desta relação estão presentes: a força dos processos de abstração, a energia dos pensamentos sectários, o imperialismo da ditadura da ignorância e a legitimação dos discursos, propostas e posturas absolutistas, intolerantes e excludentes de concepções, culturas, experiências e pessoas.

Ao dever do filósofo, pensado nestes termos, impõe-se a atenção à realidade do mundo e a atitude de respeito aos homens e às especificidades de suas vivências. Mais ainda, exige, em um quinto momento, “a necessária atitude de ampliar o olhar acerca da situação concreta do Ser humano” (SILVA, 2019). Neste sentido fenomenológico, o dever do filósofo é tentar compreender a realidade, buscar explicitar os aspectos do desenvolvimento da condição humana, através da apreensão do seu sentido e do desvelamento dos modos como a existência e as relações são experienciadas e apreendidas.

Neste seguimento, Gabriel Marcel descreve seu método de investigação como uma forma de abordagem fenomenológica do real, que se dirige ao homem concreto. Sua intenção não se volta “[...] a uma inteligência abstrata e anônima, senão, a seres individuais em que pretende despertar uma certa via profunda de reflexão por uma verdadeira ‘anamnesis’ no sentido socrático da palavra” (MARCEL, 1951a, p. 11). Esta forma de organização do pensamento expressa-se, deliberadamente, contra todos os sistemas fechados de interpretação do real, quando pretendem desvincular o Ser das situações concretas do seu

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

próprio existir. “Não pode haver hoje uma formação filosófica sem uma análise de essência fenomenológica sobre a atuação fundamental do homem” (Ibidem, p. 108).

A desvinculação do homem da sua realidade é, para Marcel, um dos fatores que tem contribuído para o enfraquecimento das vozes individuais das pessoas e o agravamento da profunda crise de identidade que muitos enfrentam, na era da técnica e do culto midiático. Representa um dos dilemas que tem sido enfrentado por um grande número de pensadores, “[...] porque favorece a aparência de um relativismo sereno que, em nossa época, tende a mutilar tão perniciosamente o adequado juízo moral” (MARCEL, 2005, p. 86-87).

Em uma perspectiva fenomenológica, compreendemos que o dever do filósofo é: ajudar o homem a enxergar a partir da base, por dentro e para além do real, os sentidos da própria existência humana; é contribuir para desvelar o modo como o Ser é apreendido e/ou se torna uma realidade viva e pessoal para si mesmo; é o desvelamento que se mostra através das diversas manifestações do sentido, que atravessam a trama constitutiva do fazer existencial. Ao falar sobre o modo como o homem se vê através da relação entre o ser e o ter, Marcel afirma que “a escuridão do mundo exterior depende da minha obscuridade para comigo mesmo” (MARCEL, 2003, p. 15). Ao fazer esta declaração, o teórico também diz que não há, no mundo, nenhuma obscuridade intrínseca; que o problema da relação sujeito-mundo encontra-se na maneira como o homem se enxerga e no modo como procura afirmar-se perante os outros e sua própria realidade. A escuridão, neste caso, se constitui em um estado confuso do homem que se dá entre a opacidade de si e o mistério que o compreende, o envolve e o transcende.

Na busca pelo cultivo de um olhar fenomenológico da concretude do homem, não advogamos apenas a favor do repasse conceitual, ou teórico, de uma determinada forma de investigação. Pelo contrário, buscamos ressaltar que o sentido da existência não se limita aos cânones dos saberes dogmáticos e das teses materialistas (MARCEL, 1961). O que pretendemos é dizer que as respostas que os filósofos darão às suas inquietações poderão comportar elementos que não só eram antes conhecidos como aspectos que os transcendem e os ultrapassam.

Ao falar sobre a fenomenologia do saber, no *Diário Metafísico* (1968), Gabriel Marcel procura relacioná-la à compreensão que o homem tem de si. O processo de assimilação dos saberes implica no reconhecimento da condição fundamental e histórica do próprio ser humano. Ao filósofo, no processo de análise da realidade, cabe “respeitar as especificidades ontológicas do homem e o modo como a realidade é apreendida através da experiência subjetiva de cada um” (MARCEL, 1951b). A análise fenomenológica do saber nos coloca na perspectiva de que a produção do conhecimento consiste na tomada de consciência que o homem faz mediante a interpelação da existência.

Na intenção de corresponder às exigências deste comprometimento, cabe ao filósofo, em um sexto momento, “procurar desenvolver uma visão metafísica de suas concepções fundamentais” (MARCEL, 1951b). De acordo com Gabriel Marcel (Ibidem, p. 35), “a crise do homem ocidental é uma crise metafísica”, um acrisolar do humano, onde, na perda do contato real consigo mesmo, com o mundo e com os acontecimentos à sua volta, o homem se sente reduzido à simples menção abstrata. Na compreensão de Karl Jaspers, esta mudança de concepção sobre o humano acontece na era da técnica e em tempos sombrios porque

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

[...] o conhecimento que se tem do homem passa a ser mais importante que o próprio homem, adota-se por vezes, atitude de singular superioridade, como a de quem possuísse conhecimento absoluto, capaz de tudo penetrar e tudo esclarecer. Dessas alturas, olha-se para as misérias humanas. Toma-se posição de Ser superior, que domina espiritualmente o mundo – o que se torna de um ridículo todo particular, quando se é pessoalmente um pigmeu (JASPERS, 1965, p. 92).

Em nome do progresso e da produtividade, a que todo homem devia entregar-se, instaurou-se uma política da totalidade, a crença em uma existência da uniformização e se propôs uma formação voltada para a aquisição de domínios científicos e especializações técnicas. Entretanto, ao falar sobre a necessidade do filósofo procura desenvolver uma visão metafísica de suas concepções fundamentais, Marcel propõe questionar a natureza do cerceamento do processo de formação, buscando problematizar as concepções de senso-comum, a partir de uma visão integral do ser humano e do reconhecimento de que “[...] há no ser humano tal como nós o conhecemos algo que se rebela contra esta espécie de violação ou desvinculação de que é vítima” (MARCEL, 1951a, p. 41).

Ao pretender construir um olhar integral do humano, a partir da visão metafísica de suas concepções fundamentais, Marcel anuncia uma total recusa a toda pretensão idealista do homem; procurar “[...] mostrar como o Idealismo tende inevitavelmente a eliminar toda consideração existencial” (MARCEL, 1933a, p. 14). Ao filósofo, na intenção de superar toda concepção totalitária do ser humano, cabe, continuamente, a renovação de seus pressupostos teóricos e a libertação de todas as categorias que limitam a compreensão humana à ordem da quantidade e do quantificável. “Cumpra à imaginação metafísica proceder a uma renovação das categorias fundamentais” (MARCEL, 1951b, p. 109) do Ser e sua formação humana.

Em uma perspectiva metafísica, recomenda-se ao filósofo considerar outros olhares a partir e sobre o humano que consigam auxiliar em suplantar toda tendência conceptual maniqueísta, que pretenda determinar os modos de sua existência e os rumos de suas compreensões (SILVA, 2019). Ao sucumbir à tentação do quantitativo sobre o metafísico, o filósofo renuncia àquilo que é próprio do humano. Para além disso, o homem, na sua condição existencial e metafísica, não pode permanecer como é. Ele deve, conforme Karl Jaspers, pensar-se a partir do que tem sido.

O homem foi definido como ser vivo dotado de palavra e pensamento (zoo logon echon); como ser vivo que, agindo dá a sociedade a forma de cidade regida por leis (zoon politikon); como ser que produz utensílios (homo faber); que trabalha com esses utensílios (homo laborans) que assegura sua subsistência por meio de planificação comunitária (homo economicus). Cada um dessas definições leva em conta uma característica, mas o essencial não está presente: o homem não pode ser concebido como um ser imutável, encarnando reiteradamente aquelas formas de ser. Longe disso, a essência do homem é mutação: o homem não pode permanecer como é. Seu ser social está em evolução constante. Contrariamente aos animais, ele não é um ser que se repete de geração em geração. Ultrapassa o estado em que é dado a si mesmo [...] Tudo que sabemos do homem,

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico

SILVA, Ezir George

tudo que cada um dos homens as de si mesmo não corresponde ao homem. Aquilo a que o homem está ligado, aquilo com que o homem se debate não identifica o homem. Sua origem propõe-lhe um problema que se transforma em alavanca da qual se vale para tentar fugir àquilo em que está enterrado. A partir daí, ouve ele a exigência que não lhe deixa repouso. Sua consciência de ser se realiza com base em algo que ele jamais compreende, mas de que acredita participar uma vez que seja ele mesmo (JASPERS, 1965, p. 47-48).

Em *Homo Viator* (2005), Gabriel Marcel afirma que a dimensão metafísica constitui o núcleo de uma fenomenologia das relações entre eu e o próximo. Este teórico enfatiza que o desvelar da existência humana passa, necessariamente, pelo caminho da comunhão intersubjetiva. A reflexão metafísica sobre o filósofo e sua atuação com o mundo sugere que a formação humana faz-se na convivência fraterna, através da relação dialógica entre os seres humanos e suas compreensões fundamentais. Os postulados da visão metafísica do humano e de sua relação intersubjetiva equivalem a dizer “[...] que o homem deve ser apreendido como uma participação efetiva” (MARCEL, 2003, p. 133), que caberá ao filósofo, no comprometimento de si, buscar a coerência entre um agir ético e uma visão ampla do humano, no âmbito de suas relações sociais e de seu fazer filosófico. O fazer filosófico nunca se encerra nele mesmo. Nenhuma teoria, método, conteúdo terão sentido se não se relacionarem ao homem e à sua própria existência.

No interesse pela construção de um trabalho coerente, caberá ao filósofo, em um último momento, “colocar-se na condição de mediador dos processos transformadores da realidade e do mundo” (MARCEL, 1951b). Diante de uma cultura geradora da “auto-complacência burguesa, de ressentimento, de convencionalismos, do hábito de considerar o bem-estar material como razão suficiente de vida, de apreciar a ciência em função de uma utilidade técnica” (JASPERS, 1965, p. 140), além da pretensão do ilimitado desejo de poder, da bonomia dos políticos e do fanatismo das ideologias, “talvez pudesse dizer-se que entre o mundo das técnicas e o da espiritualidade pura a mediação do filósofo é cada vez mais indispensável” (MARCEL, 1951b, p. 116).

Nesta direção, como propõe Marcel, observamos que o dever do filósofo não deve ser o de querer fazer prevalecer sua crença. Antes, supomos que o pensador tem todo o direito de se pronunciar sobre todas as matérias que envolvem os processos constituidores e transformadores da realidade. Todavia, temos que considerar também que o filósofo precisa reconhecer a especificidade de cada situação, explorá-la quanto possível, sem esperar atingir o conhecimento exaustivo a que se presta o objeto de análise ou da ciência/Teoria que investiga.

O dever do *filósofo*, no mundo atual, é colocar-se como sujeito mediador dos processos de compreensão e aprendizagem; discernir entre o profetismo do saber absoluto e a Filosofia da Esperança “[...] sem pretender exceder a experiência e fundar as suas próprias profecias sobre a ciência, a biologia, a economia ou a sociologia” (MARCEL, 1951b, p. 115). É seu dever, ainda, compreender que o pensar filosófico passa, direta e transversalmente, pelos caminhos sinuosos das experiências contínuas e descontínuas da formação humana. Enfim, ao filósofo caberá evitar que os domínios das ideologias e das determinações violem e/ou determinem o fulcro de sua condição existencial, procurando sempre questioná-los, à

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

luz da esperança que necessitamos sempre conservar com relação ao humano e suas possibilidades.

CONSIDERAÇÕES

Sobre o dever do filósofo em tempos sombrios, Marcel realiza uma verdadeira apresentação de posturas que indicam, mais do que uma metodologia, uma especificidade constitutiva do próprio ser humano: a exigência ontológica (SILVA, 2019). A inquietude que nos diz que o filósofo comprometido com a existência não pode se posicionar indiferente ao drama da condição humana nem reduzir seu pensamento aos âmbitos particulares dos saberes que nascem de um “eu” que se pensa pronto, acabado e concluído. Em meio às aparentes normalidades da realidade e das pessoas, exige-se do filósofo a devida aproximação para que perceba o estranhamento que nos permite identificar o ponto essencial da situação do homem no mundo, em tempos sombrios. Falamos sobre a situação fundamental, levantada por Marcel, no diálogo ontológico entre Christiane e Laurent:

Christiane – Não te entendo.

Laurent - lembre-se que agora você deve receber aquela senhora que está esperando por você.

Christiane – Creio que ela pode esperar. Garanto que às vezes você comete grandes erros comigo. Não há nada tão doloroso quanto me libertar do jeito que você faz. Eu acho que valeria muito mais apenas se você expressar seu desejo com franqueza, com energia, certo? Seria o verdadeiro meio para me ajudar.

Laurent - Não sei se você precisa de ajuda. Você vive a vida que pensa.

Christiane – Estas segura disto?

Laurent - Se você não gosta da sua vida, acho que nada impede você de modificá-la. E eu, preciso da imposição de uma vontade? (MARCEL, 1933a, p. 67, 68).

Sem pretender concluir, a presença do filósofo no mundo exige coerência e participação, “porque o pensamento, ultrapassando o mundo do saber, aproximar-se-ia, por procedimentos sucessivos de criação, do centro onde ele deve livremente renunciar-se para dar lugar a – Àquele que é” (MARCEL, 2018, p. 93).

REFERÊNCIAS

BOLLNOW, Otto Friedrich. **Filosofia de la esperanza**. Buenos Aires: Companhia General Fabril, 1962.

CLOUTIER, Jean. **A era da Emerec ou a comunicação Audio-Scripto-Visual na hora dos self-media**. Lisboa: ITE, 1975.

Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 83-103 - ISSN 1984-5561
Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

FRAENKEL, Heinrich; MANVELL, Roger. **Doutor Goebbels.:** vida e morte. São Paulo: Madras, 2012.

GARAUDY, Roger. **Perspectivas do homem:** existencialismo, pensamento católico e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

JASPERS, Karl. **Ambiente espiritual de nuestro tiempo.** Barcelona – Buenos Aires: Labor, 1933.

JASPERS, Karl. **La fe filosófica.** Buenos Aires. Editora Losada, 1953

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico.** São Paulo: Cultrix, 1965.

MARCEL, Gabriel. **Journal métaphysique.** Paris: Gallimard, 1927.

MARCEL, Gabriel. **Le monde cassé.** Paris: Plon, 1933a.

MARCEL, Gabriel. **Position et approches concrètes du mystère ontologique.** Paris: Vrin, 1933b.

MARCEL, Gabriel. **Essai de philosophie concrète.** Paris: Gallimard, 1940.

MARCEL, Gabriel. **Le mystère de l'être: I - reflexion et mystère.** Paris: Aubier, 1951a.

MARCEL, Gabriel. **Os homens contra o homem.** Porto: Editora Educação Nacional, 1951b.

MARCEL, Gabriel. **Decadencia de la sabiduría.** Buenos Aires: EMECÉ, 1955.

MARCEL, Gabriel. **Diário metafísico.** Buenos Aires: Losada, 1957.

MARCEL, Gabriel. **Revolução da esperança:** rearmamento moral em ação. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

MARCEL, Gabriel. **Diário metafísico: 1928-1933.** Madrid: Guadarrama, 1968.

MARCEL, Gabriel. **Ser y tener.** 2. ed. Madrid: Caparrós, 2003.

MARCEL, Gabriel. **Homo viator:** prolegómenos a una metafísica de la esperanza. Salamanca: Sígueme, 2005.

MARCEL, Gabriel. **Fragmentos filosóficos (1909-1914):** com acréscimo de **As condições dialéticas de uma filosofia da intuição.** Tradução de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2018.

PÉREZ, Julia Urabayer. **El pensamiento antropológico de Gabriel Marcel:** um canto al ser humano. Navarra: EUNSA, 2001.

DOI: [10.25244/uf.v13i3.1228](https://doi.org/10.25244/uf.v13i3.1228)

**O filósofo em tempos sombrios:
participação e aproximações concretas do sentido ontológico**
SILVA, Ezir George

PRINI, Pietro. **Gabriel Marcel et la méthodologie de l'invérifiable**. Paris: Desclée de Brouwer, 1953.

SILVA, Ezir George. **A fenomenologia do ser e do ter na visão filosófico-pedagógica de Gabriel Marcel**. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

SILVA, Ezir George. **Educação e filosofia da existência**: contribuições de Otto Friedrich Bollnow para a formação humana. São Paulo: LiberArs, 2018.

SILVA, Ezir George. **Modernidade & pluralidade**: o impacto destes pressupostos filosóficos e sociológicos sobre a educação. Caruaru: FAFICA, 2008.